

O mês de junho mostrou-se favorável no âmbito dos mercados financeiros globais, após um fraco mês de maio. Entre os fatores de maior importância a impulsionar o movimento, pode-se destacar as sinalizações *dovish* (flexíveis) por parte dos principais bancos centrais globais, capitaneados pelo FED (o banco central dos EUA) e pelo Banco Central Europeu (BCE), além da retomada das negociações comerciais entre americanos e chineses. No mesmo sentido, o acordo obtido entre os EUA e México e o anúncio de novas medidas de flexibilização na China também colaboraram. Esse ambiente favoreceu a queda na aversão ao risco, beneficiando bolsas e fazendo com que o dólar recuasse globalmente.

No ambiente doméstico, mais uma vez os dados mostraram fraqueza da atividade: as vendas ao varejo de abril abriram o trimestre em queda de 0,6% ante março. No campo da inflação, o IPCA-15 de junho saiu de 0,35% para 0,06%, com o acumulado em 12 meses recuando para 3,84%, ante 4,93%. No campo das finanças públicas, o governo central registrou déficit primário de R\$14,7bi em maio, pior desempenho para o mês desde 2017. No mercado de trabalho, os dados ainda revelam fragilidade: o Caged mostrou criação de 32,1 mil novos postos de trabalho em maio (13,5 mil com ajuste sazonal), com a média móvel de três meses voltando para patamar negativo. Já a taxa de desemprego do IBGE (PNAD Contínua) mostrou recuo de 12,5% para 12,3% em maio, e 11,9% com ajuste sazonal (estável). Em relação aos dados de confiança da FGV, todas as sondagens exibiram alta, com exceção da indústria. Por fim, o BCB manteve a Selic em 6,5% e, através de seus documentos (Ata e RTI) sugeriu que a melhora no balanço de riscos abre espaço para a adoção de uma moderada carga de estímulos adicionais à frente.

A Bolsa de Valores de São Paulo encerrou o mês de junho com alta de 4,06%, aos 100.967 pontos, no maior nível histórico do índice. No ano, o índice Ibovespa acumula ganhos de 14,88%. Já em 12 meses, a alta é de 38,76%. O desempenho da Bolsa doméstica foi no mesmo sentido das demais bolsas de países emergentes. O Real encerrou o mês de junho com valorização de 2,75% ante o Dólar, a R\$3,83. No ano, a moeda doméstica exibe ligeira apreciação de 1,10%. Já em 12 meses, a valorização é de 0,61%.

As taxas de juros domésticas encerraram o mês de junho com expressiva queda, tanto no segmento longo quanto no segmento curto da estrutura a termo. Em relação à parte curta da curva, o recuo reflete a continuidade da agenda fraca de atividade econômica e a sensação, cada vez mais presente entre analistas, de que o Banco Central retomará o ciclo de cortes da Selic tão logo vislumbre “avanços concretos” na agenda de reformas. Já no segmento longo, o fechamento da curva de juros global foi determinante para o movimento, sendo que a melhora do ambiente doméstico possivelmente trouxe alguma contribuição, ainda que de forma secundária.

Para o mês de julho, esperamos o seguinte comportamento para os mercados: Para o mercado acionário externo, tendo em vista que a potencial safra de dados de atividade mais negativa num ambiente de cortes agressivos dos BC's já precificado será contrabalançada pela possibilidade de surpresas positivas nas negociações comerciais EUA-China recomendamos a neutralidade das posições. Para o mercado doméstico, a opção também deve ser pela neutralidade: se a atividade doméstica e os níveis de preços atuam negativamente, as perspectivas mais favoráveis para a reforma e a esperada redução da Selic são fatores de sustentação.

Quanto ao mercado de câmbio, o posicionamento neutro é o mais recomendado. Se por um lado os fundamentos sugerem alguma apreciação, por outro o fato do Real ser usado como hedge justifica a cautela.

No mercado de renda fixa, devido aos baixos prêmios dadas as projeções de Selic recomenda-se a neutralidade. Por outro lado, a possibilidade de fechamento adicional, dado o ambiente mais favorável para a reforma e a possibilidade de antecipação dos cortes da Selic motivam a manutenção de moderada recomendação para o segmento médio. Para o longo pré e indexado, entende-se que o avanço na precificação já ocorrido condiz com posicionamento conservador. Nos indexados curtos, o recuo da curva nominal e as baixas inflações projetadas para o curtíssimo prazo desfavorecem a relação risco/retorno, levando à recomendação para a neutralidade.

## ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

Ativo/Grupo	Resultado Financeiro (R\$)	Contrib.
COMPROMISSADA	197.168,27	0,37%
LFT	38.398,63	0,07%
DI FUTURO	669,45	0,00%
DESPESAS	- 0,57	0,00%
<b>BB ASTREA</b>	<b>236.235,78</b>	<b>0,4486%</b>
Benchmark (IPCA + 4,232851%)		0,3231%
% Benchmark		138,84%

Var: 0,0002% Vol: 0,04%